



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/07/2019 a 18/07/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Aluna ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/07/2019	9,06	313,30	28,11	5,36	4,49
15/07/2019	9,01	311,60	28,28	5,07	4,41
16/07/2019	8,87	308,40	27,99	5,07	4,35
17/07/2019	8,82	307,50	27,68	5,05	4,36
18/07/2019	8,81	307,00	27,64	4,93	4,24
Média	8,91	309,56	27,94	5,10	4,37

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	74,50	ND
RS - Santa Rosa	74,00	ND
RS - Ijuí	74,00	ND
PR - Cascavel	72,50	ND
MT - Rondonópolis	67,50	ND
MS - Ponta Porã	68,50	ND
GO - Rio Verde (CIF)	68,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	67,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	177,00	ND
Paraguai (FOB)**	118,00	ND
Paraguai (CIF)**	165,00	ND
RS - Erechim	38,50	ND
SC - Chapecó	38,00	ND
PR - Cascavel	33,50	ND
PR - Maringá	34,00	ND
MT - Rondonópolis	27,50	ND
MS - Dourados	29,00	ND
SP - Mogiana	36,50	ND
SP - Campinas (CIF)	39,00	ND
GO - Goiânia	30,50	ND
MG - Uberlândia	33,50	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	780,00	ND
RS - Santa Rosa	780,00	ND
PR - Maringá	910,00	ND
PR - Cascavel	900,00	ND

Período: 17/07/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/07/2019

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	31,97	70,00	41,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/07/2019

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	43,43
Feijão (saco 60 Kg)	144,69
Sorgo (saco 60 Kg)	25,80
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,56
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,26
Boi gordo (Kg vivo)*	5,54

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta semana de julho, voltaram a recuar, após ensaiarem uma recuperação na esteira do relatório de oferta e demanda do dia 11/07. Com isso, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (18) em US\$ 8,81/bushel, contra US\$ 8,96 uma semana antes. Por enquanto, o mercado encontra dificuldades em superar o teto dos US\$ 9,00/bushel.

Na prática, a previsão de clima seco nas regiões produtoras estadunidenses deu alguma sustentação ao mercado no início da semana, porém, tal movimento não se consolidou porque vieram previsões de chuvas para os dias seguintes, fato que provocou ajustes técnicos baixistas.

Além disso, a qualidade das lavouras estadunidenses melhorou nesta última semana, com o USDA anunciando que até o dia 14/07 as lavouras em condições entre boas a excelentes havia subido para 54%, ganhando um ponto percentual sobre a semana anterior. Outros 34% se encontravam em situação regular, enquanto 12% ficavam entre ruins a muito ruins. Tais números ficaram acima do esperado pelo mercado.

Até o final de agosto, pelo menos, o clima continuará sendo o elemento central das preocupações do mercado da soja nos EUA.

Por outro lado, a China continua comprando pouca soja dos EUA, fato que influi sobre as cotações. Não houve avanços nas negociações comerciais entre EUA e China, além da peste suína africana continuar avançando no país e em boa parte da Ásia.

No caso da China, segundo autoridades locais, o número de matrizes reprodutoras diminuiu 27% em junho, em base anual, após queda de 23% em maio. Os preços da carne suína, no atacado, subiram 30% em junho naquele país, após 29% em maio.

Com isso, as importações de soja em grão pela China somaram 6,5 milhões de toneladas no mês de junho, o que significa 25% a menos do que o importado em junho de 2018. No acumulado do ano as importações chinesas de soja somam 38,3 milhões de toneladas, lembrando que as estimativas para o ano de 2019/20 são de compras chinesas ao redor de 87 milhões de toneladas de soja.

Para complicar o quadro, a China anunciou que irá aplicar represálias aos EUA devido a venda de armas deste país para Taiwan, região disputada pelos chineses continentais. Segundo o governo chinês, “as vendas de armas dos Estados Unidos para Taiwan constituem uma violação grave do princípio de uma só China e dos três comunicados conjuntos entre a China e os Estados Unidos.”

Enfim, ainda sobre a China, o seu PIB do segundo trimestre de 2019 ficou em 6,2%, em comparação a igual período do ano anterior, se convertendo no menor nível em 27 anos. O governo chinês espera fechar o corrente ano com um PIB entre 6% e 6,5%.

Enfim, nos EUA, a Associação Norte-Americana dos Processadores de Óleos Vegetais (NOPA) informou que o esmagamento de soja atingiu 4,05 milhões de toneladas em junho, contra 4,29 milhões em maio e contra uma expectativa do mercado em 4,2 milhões de toneladas.

Aqui no Brasil os preços da soja enfraqueceram mais um pouco, diante do comportamento de Chicago e de um câmbio que girou entre R\$ 3,70 e R\$ 3,75 por dólar durante a semana. Além disso, os prêmios nos portos nacionais recuaram, ficando entre US\$ 0,76 e US\$ 0,95/bushel.

Neste contexto, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 70,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 74,00 e R\$ 74,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram as seguintes oscilações: no Paraná, valores em R\$ 72,50/saco; no Mato Grosso, entre R\$ 63,00 e R\$ 67,50; no Mato Grosso do Sul, entre R\$ 66,50 e R\$ 68,50; em Goiás, entre R\$ 65,50 e R\$ 66,00; em Santa Catarina, entre R\$ 77,00 e R\$ 78,00; em Pedro Afonso (TO), R\$ 67,50; e em Uruçuí (PI), R\$ 69,50/saco.

O mercado nacional da soja, diante das atuais condições de preço, se mostra bastante travado, não havendo, por enquanto, indicativos de melhoria nos valores internos, salvo uma retomada das cotações em Chicago motivadas por problemas climáticos nos EUA.

MERCADO DO MILHO

As cotações em Chicago recuaram durante a semana, fechando o dia 18/07 (quinta-feira) em US\$ 4,24/bushel, contra US\$ 4,47 uma semana antes.

O mercado do clima continua sendo o elemento fundamental para Chicago, após o surpreendente relatório de oferta e demanda do USDA. Com isso, são as condições semanais das lavouras que passam a ser essenciais daqui em diante e até o relatório de agosto.

Neste sentido, até o dia 14/07 as condições das lavouras entre boas a excelentes chegaram a 58%, contra uma expectativa de piora entre um e três pontos percentuais. Outras 30% se encontravam em condições regulares, enquanto 12% estavam entre ruins a muito ruins. Ou seja, houve mais um fator de surpresa baixista em Chicago. Dito isso, a polinização do milho está atrasada, pois o plantio igualmente ocorreu com atraso devido ao excesso de chuvas. Assim, até meados de julho apenas 8% da área estava polinizada contra 34% no ano passado. Porém, a fase crítica neste sentido começa a partir deste dia 20/07.

Aquilo que salientamos no comentário passado está se confirmando, com o mercado em dúvida quanto a área concreta semeada com milho nos EUA. Além disso, a situação climática tem gerado também muitas incertezas, pois há muitas variações entre os institutos de meteorologia. O fato é que será a produtividade final do milho que definirá o tamanho da safra naquele país. E esta produtividade estaria um tanto comprometida em comparação as médias históricas.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 177,00 e US\$ 118,00 respectivamente.

E no Brasil, os preços se apresentaram em alta. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 31,97/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 37,00 e R\$ 38,50/saco. Nas demais praças, os lotes oscilaram entre R\$ 25,00 em municípios do Nortão do

Mato Grosso, e R\$ 39,00 em Concórdia (SC). Já o referencial Campinas ficou igualmente em R\$ 39,00/saco no CIF, e os portos de Santos e Paranaguá trabalhando ao redor de R\$ 39,00 a R\$ 40,00/saco.

Mesmo com o câmbio indicando uma revalorização do Real nas últimas semanas, os exportadores continuam ativos. Já há compromissos de embarque ao redor de 7 milhões de toneladas para julho e 1,3 milhão para agosto. Assim, por enquanto a pressão da entrada da safrinha está sendo absorvida pelo ímpeto exportador, mantendo os preços do cereal elevados. Soma-se a isso as dúvidas quanto a real safra de milho nos EUA, neste momento de definições climáticas por lá.

Assim, o mercado brasileiro de milho continua dependente da exportação, a qual depende da melhoria dos preços externos e do câmbio no país. Uma redução das cotações em Chicago e novas valorizações do Real tendem a esvaziar as exportações, provocando recuo nos preços locais, e vice-versa.

Enfim, a colheita da safrinha, até o dia 12/07, chegava a 48% da área, contra 27% em igual momento do ano passado. Mato Grosso apresentava o maior avanço, com 57%, seguido do Paraná com 51%. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram forte durante a semana, com o fechamento da quinta-feira (18) ficando em US\$ 4,93/bushel, contra US\$ 5,36 uma semana antes. Pela primeira vez, desde o início de junho passado, o primeiro mês cotado rompeu o piso dos US\$ 5,00/bushel.

No início da semana, os bons desempenhos do milho e da soja deram sustentação ao trigo. Porém, tal movimento durou pouco tempo, e o mercado passou a ser pressionado pelo avanço da colheita do trigo de inverno nos EUA. Até o dia 14/07 a mesma atingia a 57% da área, contra a média de 71% para esta época. Mesmo assim, diante das questões climáticas, seu avanço é considerado bom. Além disso, também até o dia 14/07 as condições das lavouras de trigo de primavera apontavam 76% entre boas a excelentes, 20% regulares e apenas 4% entre ruins a muito ruins.

Somou-se a isso os fracos números das inspeções de trigo estadunidense. O mesmo ficou em 315.358 toneladas na semana encerrada em 11/07, enquanto o mercado esperava algo em torno de 500.000 toneladas.

No Mercosul, os valores de referência permanecem entre US\$ 230,00 e US\$ 240,00/tonelada, enquanto a safra nova argentina se manteve em US\$ 185,00, em ambos os casos na compra.

Já no Brasil, o mercado ficou estável, com o balcão gaúcho se fixando em R\$ 41,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 46,80/saco. No Paraná e Santa Catarina, tanto os valores de balcão quanto de lotes não sofreram modificações em relação a semana anterior.

Em termos de plantio, enquanto no Paraná o mesmo está concluído, no Rio Grande do Sul atingia a 96% até o final da semana anterior, devendo estar concluído neste momento. Na Argentina, o mesmo chegava a 86% da área em meados de julho. Os argentinos deveram semear a maior área de trigo dos últimos 18 anos, com a mesma atingindo a 6,6 milhões de hectares.

Neste contexto, a questão central passa a ser o clima nas regiões produtoras. Diante disso, estão sendo contabilizadas as perdas provocadas pelas fortes geadas deste mês de julho no Paraná e parte de Santa Catarina, já que no Rio Grande do Sul as mesmas foram benéficas, pois a planta de trigo está em seu estágio inicial. Neste sentido, novas geadas ocorreram nesta semana em muitas regiões do sul do país.

Diante do fenômeno, por enquanto o Deral paranaense já elevou as condições negativas das lavouras daquele Estado, com 9% ruins (5% no ano passado), 24% regulares (20% no ano passado) e 67% entre boas a excelentes (85% na semana anterior e 75% no ano anterior nesta época). Assim, o quadro das lavouras de trigo no Paraná está pior neste ano e ainda deverá haver redução nestes percentuais positivos nas próximas semanas.

Enfim, as primeiras estimativas para a nova safra, antes das perdas motivadas pelas geadas, indicavam uma safra brasileira em 5,9 milhões de toneladas (12% acima do registrado no ano passado), sobre uma área semeada de 2,04 milhões de hectares (1% abaixo do ano anterior). A produção final do Paraná era esperada em 3,05 milhões de toneladas (+18%) e a do Rio Grande do Sul em 1,98 milhão (+5%). Os dois Estados somados produziriam 85% da safra nacional deste ano de 2019. Com isso, as importações brasileiras do cereal estavam previstas em 6,5 milhões de toneladas para o corrente ano comercial. (cf. Safras & Mercado)

Quanto a produção do Mercosul, a mesma está estimada em 27,8 milhões de toneladas para 2019/20, ou seja, um milhão de toneladas acima do ano anterior. Deste total, serão exportadas 15,4 milhões, ou seja, 300.000 toneladas acima do ano anterior. (cf. Safras & Mercado)